

UIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Factores que influenciam a escolha de parceiro sexual afectivo e a vivência da
conjugalidade entre um grupo de homossexuais da Cidade de Maputo**

Candidato: Alberto Thevede Júnior

Supervisora: Dra. Sandra Manuel

Maputo, Setembro 2014

**Factores que influenciam a Escolha de Parceiro Sexual Afectivo e a
Convivência Conjugal entre um Grupo de Homossexuais da Cidade de
Maputo**

(Relatório de pesquisa apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane)

Supervisora

Presidente

Oponente

Dra. Sandra Manuel

Dra. Marta Langa

Dr. Emídio Gune

Declaração

Declaro por minha honra que o presente relatório de pesquisa nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui resultado da minha pesquisa, estando indicadas ao longo do texto as referências e as fontes consultadas.

O candidato

.....

Alberto Thevede Júnior

Maputo, aos..... de.....de 2014

Dedicatória

A duas grandes mulheres, minha mãe, Atália Dos Santos Hulumene, que de tudo fez para que os sonhos pudessem tornar-se em realidade, minha namorada, Isabel Isaac, que me apoia nesta caminhada. Nada que possa fazer neste mundo retribuirá o que fizeram/fazem por mim, simplesmente *Ngiyabonga*.

Resumo

A homossexualidade em Moçambique é um facto que vem observando uma certa abertura e que, em tempos, era assunto só do “quarto”, hoje em dia é debatido “publicamente”¹. De certa forma em Moçambique, a homossexualidade já é olhada com uma certa tolerância. Contudo, existem ainda aqueles que estigmatizam, condenam e chegam a considerá-la obra do diabo.

A homossexualidade é olhada e construída em termos “heteronormativos”. Pois, esta serve não só para normalizar e controlar as condutas sexuais dos indivíduos mas também funciona como fonte para tecer as relações sociais, sexuais e afectivas de homossexuais.

Em um relacionamento sexual afectivo de homossexuais existem géneros diferentes. Estes géneros desempenham papéis diferentes e algumas vezes guiam-se através de papéis estabelecidos pela sociedade, daí a influência da sociedade ou mesmo da “heterossexualidade” nos relacionamentos homossexuais.

O cerne da pesquisa é debruçar-se sobre os factores que influenciam a escolha de um parceiro sexual afectivo e a vivência da conjugalidade entre homossexuais pois salienta-se que a questão do género (activo/passivo) é que marca a constituição de um relacionamento homossexual esquecendo-se da criatividade humana para acomodar as suas escolhas, pois em um envolvimento sexual afectivo entre homossexuais há uma negociação nos papéis.

O campo da sexualidade é marcado pelo essencialismo e construtivismo social. O essencialismo olha para a sexualidade com objectivo da reprodução enquanto o construtivismo social olha para a sexualidade em termos históricos e culturais, problematizando a questão do instinto sexual. Desta forma o construtivismo social incute que a sexualidade é mediada pelos factores históricos e culturais e que factores idênticos podem ter diferentes significados.

A predisposição em singrar num relacionamento depende da negociação em termos de papéis sexuais e a entrega dos integrantes em questões como fidelidade, companheirismo, cumplicidade e confiança, sendo imprescindíveis para que tudo dê certo e que o mesmo possa evoluir para uma fase importante, a coabitação, seja ela permanente ou “definitiva” e que nesta fase os

¹ Alguns canais televisivos tais como, STV, TIM e Gungu Tv trouxeram discussões acerca de outras expressões sexuais como também a ordem de Advogados e a Universidade Eduardo Mondlane

comportamentos dos indivíduos já não são estratificados, mas sim há um mesclar, chegando a observar ambiguidade os papeis.

Palavras-Chave: Homossexualidade, sexualidade, género e escolha de parceiro.

Agradecimentos

A Deus que pela graça deu-me a vida e a oportunidade de viver, aos meus antepassados que me protegem.

A orientadora Dr^a Sandra Manuel, por ter contribuído para a materialização deste projecto. Devo-lhe uma eterna gratidão e estima pela dedicação e compreensão que teve comigo nos momentos difíceis ao longo da pesquisa.

Aos meus irmãos, Lenon Thevede, Cleonice Thevede, Julieta Atália Thevede e Luis Hulumene, e minha sobrinha Tidy, palavras não bastam para descrever o que vocês têm feito por mim, meu muito obrigado.

Meus amigos de turma (que agora já não são só de turma) Sansão Macamo, Pilale Isequiel, Karina Matandalasse, Eliela Machava, Arminda Fumo, Ntikama Malapende, Davide Nhazilo, Bartolomeu Daniel, Luís Mugube e Yolanda Simbine (tens que voltar) que no início do curso parecíamos de mundos diferentes mas hoje sei que tenho uma família, meu muito obrigado por tudo que fizeram por mim.

Agradeço aos entrevistados que de tudo fizeram para que os encontros pudessem acontecer, a Jó que facilitou-me vários contactos e por ter participado em várias entrevistas e também os que directa ou indirectamente contribuíram para a minha formação, sem vocês este relatório não seria possível, muitíssimo obrigado.

.

ÍNDICE

1	Introdução -----	2
2	Homossexualidade: Posicionamento Teórico -----	4
3	Metodologia -----	9
4	Sociabilidade, Papel Sexual E A Concepção Do Sexo. -----	12
4.1	Etnografia -----	12
4.2	O Papel Sexual Em Diferentes Relacionamentos -----	17
4.3	A Concepção Do Sexo -----	19
5	Considerações Finais -----	24
6	Referências Bibliográficas -----	26

1 INTRODUÇÃO

Este relatório aborda os factores que influenciam à escolha de parceiro sexual-afectivo e a vivência da conjugalidade entre um grupo de homossexuais na Cidade de Maputo. Vários autores como Fry & MacRae (1986), Fréres Carneiro (1997), Soares (2010), têm como características primordiais para a escolha do parceiro a questão do género (activo e passivo), esquecendo-se da acção e criatividade humana em relação a sexualidade pois estes afastam-se dos modelos unidireccionais e fazem os seus arranjos para acomodar as suas atitudes (Weeks 2000, Heiborn 2004)).

Tal como os heterossexuais, os homossexuais não se encontram alheios aos *modus vivendi* do resto da sociedade, pois o estilo de vida, até a sua sexualidade é grandemente influenciado pelos heterossexuais. Estas influências heterossexuais, para além de adoptarem várias formas de comportamento fazem com que nos seus envolvimento sexual afectivo, de uma certa forma, haja similaridade, pois crescem num ambiente em que os relacionamentos amorosos são de duas pessoas de sexos diferentes (homem e mulher).

Os desejos homossexuais são também construídos como os heterossexuais, (Weeks 2000) pois o termo heterossexual surge depois da existência do termo homossexual na tentativa de se querer fazer uma distinção entre pessoas que se relacionam de forma sexual afectiva com as outras do mesmo sexo (homem/homem e mulher/mulher) que se relacionavam de uma forma sexual-afectiva com pessoas de sexos diferentes (homem e mulher) que também se relacionavam de maneira sexual afectiva.

A sexualidade mantém uma relação íntima ao género², pois este é construído socialmente e auxilia na percepção da relação sexual afectiva de homossexuais. A tendência, tanto nas *lésbicas*³ como também nos *gays*⁴ é de se obter, numa relação, os dois géneros através de negociação ou mesmo através das características físicas.

²Género é o conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas do sexo. Este é socialmente construído, não estando intimamente ligado ao sexo (Silva, 1986).

³ Lésbica é uma mulher homossexual que tem atracção sexual e afectiva por outra mulher (Brás, 2013).

⁴ Gay é uma pessoa que tem orientação homossexual (tanto homens quanto mulheres), porém comumente usa-se o termo gay para referir-se a um homem homossexual. Também se refere a um indivíduo com senso de identidade pessoal e social com base na sua homossexualidade, manifestando comportamentos e aderindo a uma comunidade de pessoas que compartilham da mesma orientação sexual (Brás, 2013).

A tentativa de obter, num relacionamento homossexual, os dois géneros é uma influência da heterossexualidade nas relações homossexuais. Pois a lógica é a mesma, só há uma transposição de modelos, se quisermos comparar.

A escolha deste tema surge a partir de um estudo feito em 2012, na cadeira de Cultura e sexualidade. Neste contexto, explorava-se a escolha de parceiros sexuais entre Heterossexuais⁵ (relação com o sexo oposto) no bairro das Mahotas, Cidade de Maputo.

O cerne da pesquisa era saber se existia um padrão tido como preferencial e que em nenhum momento este padrão era abandonado, mesmo em lugares onde o sexo oposto é escasso (algumas festas em que há mais mulheres e menos homens, ou, mais homens e menos mulheres).

A pesquisa foi feita no bairro das Mahotas, em algumas festas privadas e discotecas que se encontram no mesmo bairro (Colete, Judy e Filho e Machavelane).

Com a pesquisa constatou-se que tanto os homens como as mulheres possuem ideias de algumas características que a pessoa com quem se relacionam deve ter. Evidenciam-se características físicas (altura, beleza, fisionomia), psicológicas (inteligente, atitude) e sociais (nível socioeconómico), classe social que a pessoa com quem se relacionam possuir por mais que seja só para uma noite.

Com os espaços diferentes que a pesquisa foi levada a cabo, constatou-se que nas discotecas e festas privadas o ideal do homem/mulher que traçaram não é o mesmo com quem se relacionam, várias questões são colocadas de lado e admitem que as bebidas alcoólicas de alguma forma diminuem estas exigências como também é só para aquele dia.

O facto dos meus entrevistados afirmarem que a relação é só para esse dia e que o espaço define o tipo de escolha parceiro sexual afectivo e ter constatado que algumas relações prevalecem até hoje, despertou em mim uma curiosidade em saber quais são os factores que influencia a escolha de um parceiro sexual afectivo e a convivência conjugal entre homossexuais em Moçambique (Maputo) visto que autores como Fry & MacRae (1983), defendem que a característica primordial para a escolha de parceiro é a questão do activo e outro passivo e que da mesma

⁵ Indivíduo que tem atracção ou relação sexual e afectiva por outro de sexo oposto, assim um homem heterossexual sente-se atraído por mulher, e uma mulher heterossexual sente atracção por homem. A heterossexualidade é, portanto, o oposto da homossexualidade (relações eróticas entre indivíduos do mesmo sexo) e distingue-se da bissexualidade (relações eróticas com indivíduos de ambos os sexos).

forma seja essa a característica levada em conta por vários homossexuais no momento da escolha do seu parceiro. Esquecendo das transformações sociais que afectam a escolha de parceiros como também da convivência conjugal. De uma certa forma a pesquisa irá contribuir para o debate deste fenómeno no contexto Moçambicano (Maputo).

2 HOMOSSEXUALIDADE: POSICIONAMENTO TEÓRICO

Segundo Oliveira et Al (2001), a homossexualidade é um facto muito antigo, há demonstrações da existência deste fenómeno há séculos e a antropologia também tem demonstrado a ocorrência deste facto há séculos.

A homossexualidade já foi tratada como doença, possessão demoníaca, rebeldia e os homossexuais foram duramente perseguidos pela igreja de muitas maneiras, principalmente após a criação da inquisição (Alves 2001). Mas hoje em dia, a homossexualidade é vista com alguma tolerância, existindo países que aceitam e até legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo, tais como Dinamarca (1989), Noruega (1993), Suécia (1995), Holanda (2001), Alemanha (2001), Finlândia (2002), Bélgica (2003), Nova Zelândia (2004), Reino Unido (2005), França (2005), Suécia (2006) África do Sul (2006), Portugal (2010). Porém, há países em que a homossexualidade é considerada crime e a punição chega a pena de morte, tais como Afeganistão, Irão, Arábia Saudita, Sudão e outros (Andrade do BomFim 2011).

Segundo Brás (2013) e Oliveira et Al (2001), homossexualidade é a característica de um indivíduo que sente atracção sexual afectiva por outra pessoa do mesmo sexo, ou seja, a homossexualidade refere-se a um padrão duradouro de experiências sexuais afectivas entre pessoas do mesmo sexo.

A sexualidade é marcada pelo essencialismo e construtivismo social. Em que o essencialismo circunscreve a sexualidade a reprodução. A imanência e a natureza humana inscritos nos corpos, um instinto ou energia sexual que conduza a acção. Para esta perspectiva a sexualidade restringe-se ao mecanismo fisiológico, ao serviço da reprodução da espécie. A sexualidade é uma manifestação de um estímulo, de ordem psíquica ou que busca extravasar, portanto a sexualidade

esta inscrita no impulso sexual, estímulo sexual, ou apetite sexual essencial e indiferenciado, presente no corpo devido ao funcionamento e sensações fisiológicas (Heilborn, 2006; Vance, 1995).

Segundo Vance (1995:16), o construtivismo social problematiza esta questão de instinto sexual rejeitando as definições da sexualidade extensiva a toda a história e a todas culturas. Sugere que a sexualidade é mediada por factores históricos e culturais. Os construtivistas salientam que actos fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjectivos variados e que até a escolha do próprio objecto sexual não é inerente ao indivíduo. Mesmo o desejo sexual é através da socialização.

Importa referir que não só contrastam com os essencialistas, mas também há um contraste entre os construtivistas, pois os mais radicais salientam que o próprio desejo sexual é construído pela cultura e pela história a partir das energias e capacidades do corpo devido ao funcionamento e sensações fisiológicas enquanto os mais moderados aceitam implicitamente que a sexualidade é um desejo inerente que é construído em termos de actos, identidade, comunidade e escolha do objecto sexual (Féres-Carneiro 1997, Heilborn, 2006; Vance, 1995 e).

Os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura que orienta roteiros e comportamentos, considerados aceitáveis para cada grupo social. Consequentemente, as práticas sexuais se diferenciam no interior de cada sociedade ou grupo, variando de acordo com as referências dos diversos segmentos sociais que a compõem, tais como família, tipos de escola, acesso a distintos meios de comunicação, redes de amizade, vizinhança e outras. As expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem distintos significados segundo os valores vigentes em um dado excerto sociocultural. Portanto os actos sexuais não são necessariamente unívocos (Weeks, 1999).

A percepção dos factores que influenciam a escolha de parceiro sexual afectivo e vivência da conjugalidade entre um grupo de homossexuais na cidade de Maputo, a perspectiva construtivista social é a que melhor oferece subsídios para a percepção deste fenómeno pois tendo em conta que os papéis sexuais são forjados culturalmente e que cada sociedade constrói o que é mulher e homem.

Segundo de Soares & Brunes (2010) e Otta et al (1998), pois a “heteronormatividade” que se constitui na sociedade, servindo para controlar e normalizar as condutas sexuais dos indivíduos, estruturando seus desejos e práticas de um único modo, segundo a norma dominante heterossexual estabelece o que é correcto e incorrecto. E servindo-se desta questão alguns aspectos são partilhados por estes para essa escolha.

Segundo Heilborn (2004:11-12) conjugalidade é um relacionamento sexual afectivo que expressa uma relação social que espessa um estilo de vida, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo quotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra geral.

Segundo Fry & MacRae (1983), em uma relação homossexual registam-se um activo e um passivo em que os papéis que cada um desempenha estão definidos. Assim as relações sexuais esperadas são heterossexuais pois as pessoas socialmente masculinas relacionam-se com pessoas socialmente feminina.

Segundo Heilborn (2006) uma das características da vivência do namoro é que os actos que eram praticados publicamente se transformam em comportamento cada vez mais privado e que uma das formas de demonstrar amor é suspender as barreiras entre os corpos, tornando algumas questões ambíguas.

Assim importa salientar que, se a questão fica ambígua depois de muito tempo, a actividade e passividade regista-se no primeiro momento da relação, ou seja a curto prazo, pois a longo prazo, entre as lésbicas a vivência da conjugalidade desliza do amor para a amizade, sendo forte a presença do companheirismo, assim como do apoio psicológico mútuo. Havendo uma busca do afastamento do modelo tradicional encarnado de *facha* e *lady* e os polos de masculino e feminino (Féres-Carneiro s/d 90)

No estudo sobre “Namoro, Casamento, Separação e Recasamento” feito no Brasil, Féres-Carneiro (1997), salienta que a sexualidade não encontra entre as mulheres a mesma importância que desfruta entre os homens que fazem sexo com homens, estes valorizam a dimensão erótica da relação. Segundo Soares e Brunes (2010:1), “a “heteronormatividade” se constitui na própria sociedade, servindo para controlar e normalizar as condutas sexuais dos indivíduos, estruturando

seus desejos e práticas de um único modo, segundo a norma dominante heterossexual, estabelecendo o correcto e o incorrecto.

O enfoque construtivista tem sido valioso ao explorar a acção e criatividade humana em relação a sexualidade, afastando-se dos modelos unidireccionais da mudança social para descrever relacionamentos complexos. Tendo em conta a influência que os indivíduos sofrem na escolha do objecto sexual importa saber os factores que influenciam a escolha de parceiro sexual afectivo e a vivência da conjugalidade entre um grupo de homossexuais da cidade de Maputo.

Segundo Fry & MacRae (1983), a homossexualidade envolve a questão de relações sexuais afectivas entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, é o facto de um ser humano sentir atracção físico, emocional por outro do mesmo sexo. O relacionamento interpessoal permite preencher as necessidades de afiliação e de estabelecer relações próximas e intimas com as outras pessoas, como forma de evitar a solidão e/ou a ansiedade social.

No estudo feito no Brasil no que concerne ao Namoro, Casamento, Separação e Recasamento Féres-Carneiro (s/d) observou que para a escolha de um parceiro entre homossexuais valoriza-se o companheirismo, a integridade e o carinho. Todavia, enquanto os homens valorizam o respeito, privacidade, integridade, carinhoso e a capacidade erótica de seus companheiros, as mulheres tendem a valorizar a paixão, o carinho, o companheirismo e a fidelidade de suas companheiras.

Uma questão muito clara para a escolha de parceiros entre os gays é a atracção física pois esta demonstra a importância dos aspectos sexuais na escolha de parceiros, como Fry e MacRae (1983) ressaltam a sexualidade ocupa um lugar muito mais preponderante nos pares gays que valorizam intensamente a dimensão erótica da relação, enquanto o par de lésbicas valoriza mais o amor e o companheirismo.

Os homossexuais criam as redes sociais, pois estas dão ênfase às estratégias individuais dos actores sociais na construção de laços fortes. As estratégias são vistas como indispensáveis para que o indivíduo possa fazer face a situações adversas, com isto a rede social incide uma acção estratégica de um indivíduo ou grupo com o fim de sobrevivência no meio social (Timbane 2012:29).

A pertença a uma rede social por parte deste grupo de homossexuais constitui uma forma de se agregar mulheres e homens que vivem uma situação que normalmente é discriminada. É por causa desta discriminação que surge esta rede social como forma de congregar um grupo de pessoas que aparentemente sofre dos mesmos problemas no meio social (Timbane 2012).

Nestas redes criadas pelos homossexuais há vários integrantes e criam-se laços de amizade, namoro, companheirismo e todas outras características que acontecem num determinado grupo. Facilitando também através de vários eventos privados e públicos criados pela Lambda para que possam se divertir e sentir-se a vontade (Acioli 2007).

“Sinto me a vontade aqui porque só vem pessoas como eu (homossexuais) e mesmo que não sejam como eu mas se estão aqui é porque entendem e respeitam-nos” Stela 20 anos

Segundo Heilborn (2004), a conjugalidade entre os homossexuais expressa uma relação social que condensa um estilo de vida, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo quotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra geral.

No estudo sobre as diferenças nas vivências da conjugalidade por par de lésbicas e gays, postula que na homossexualidade feminina (lésbicas), um namoro ganha rapidamente um estatuto de relação duradoura e o casamento é descrito como deslizando do amor para a amizade, sendo forte a presença do companheirismo, assim como do apoio psicológico mútuo. Diferente de uma relação de gays, em que leva algum tempo para que seja considerada uma relação séria. Entre as mulheres há um afastamento do modelo tradicional encarnado na posição *facha* e *lady*, os pólos máximos de masculino e feminino (Féres-Carneiro s/d).

Segundo Fry & MacRae (1986) indica que o sexo não encontra entre as mulheres a mesma importância que desfruta entre os homens, pois as mulheres dão maior importância a amizade e ao companheirismo como também entre as mulheres não se regista como dos gays a vigência dos termos actividade/passividade na vivência da sexualidade. No discurso das mulheres o amor e o companheirismo ocupam um lugar mais privilegiado do que o sexo, enquanto nos pares gays há valorização da dimensão erótica na relação é muito importante para que fortifique-se.

Segundo Timbane (2012), o vínculo afectivo entre as lésbicas é considerado mais importante, ou então o contacto sexual pode ser uma questão de carícias feitas em várias regiões do corpo do que um contacto voltado essencialmente para os órgãos genitais.

“Nas minhas práticas sexuais eu faço carícias, sexo oral e troco beijos. Poucas mulheres penetram e usam vibrador...Carla 27 anos”

Nestas relações homossexuais existem aquelas mulheres que desempenham o papel de “macho” e “fêmea” e deve obediência a sua namorada. As namoradas são na sua maior parte as bissexuais, relacionam-se não só com este grupo de mulheres como também com homens (Frére-Carneiro s/d)

No entanto, saber sobre os factores que influenciam na escolha de parceiros sexuais afectivos e vivência da conjugalidade entre os homossexuais é relevante, primeiro porque o estudo irá ilustrar os aspectos valorizados por este grupo na escolha de parceiros sexuais afectivos e vivência da conjugalidade, e, segundo irá enriquecer a literatura moçambicana a cerca das outras expressões sexuais. O facto da Constituição moçambicana abster-se em relação ao relacionamento entre homossexuais desperta uma curiosidade em relação aos arranjos feitos por estes para que isso não traga implicações negativas nas suas relações familiares e amistosa.

Para tal objectivo geral da pesquisa é analisar os factores que influenciam na escolha de parceiros sexuais afectivos e a vivência da conjugalidade entre um grupo de homossexuais na Cidade de Maputo, e para alcançar este objectivo geral irei indicar os factores que influenciam a escolha de um parceiros, mostrar o papel assumido pela performance sexual na manutenção do relacionamento e descrever os processos de mudança que tem acontecido na relação, sendo estes os objectivos específicos

3 METODOLOGIA

A realização desta pesquisa baseou-se em métodos qualitativos pois estes garantem uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza. Os métodos qualitativos envolvem-se com empatia aos motivos, as intenções,

aos projectos dos actores, a partir dos quais as acções, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO e SANCHES, 1993:244).

O enfoque foi para o método etnográfico pois este método é composto por várias técnicas e procedimentos de colecta de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada com o grupo social estudado. A elaboração do trabalho levou sete meses mas de forma faseada, num primeiro momento, foi a quando da concepção do projecto em que o objecto foi entrevistado, no segundo momento, foi depois da discussão do projecto com a supervisora e que decidiu-se que devia avançar com o trabalho intensivo no campo, e o terceiro momento, foi a análise dos dados e a discussão dos mesmos dados com a supervisora (ROCHA e ECKERT 2008).

Na recolha de dados foi usado como base o método etnográfico (PEIRANO, 1995), pois esta congrega as seguintes especificidades: observação directa, conversas informais e formais nalgum momento, as entrevistas semi-estruturadas. O método etnográfico caracteriza-se pelo reporte, explicação e descrição detalhada dos seus agentes. Este método auxiliou na descrição da forma como o grupo alvo se apresenta em locais públicos (serviço e escola) e privados (festas, discotecas), como se dirigir a uma pessoa que não sabem se é homossexual ou não e diversos aspectos que sem este método teria sido seria possível adquirir.

As entrevistas, marcadas e as não marcadas, que ajudaram a aceder ao que a observação participante não permitia aceder, como por exemplo, saber o bairro em que residiam os entrevistados, a sua idade, quando da tomada de consciência da sua sexualidade e mais questões que serão avançadas ao longo do texto.

O grupo que entrevistado era composto por dezasseis (16) pessoas, sendo dez (10) lésbicas e seis (6) *gays*. Do grupo de lésbicas, metade já teve um envolvimento com um homem e algumas têm filhos e outra metade nunca teve envolvimento com um homem, devido a “descoberta” cedo da atracção por mulheres. A idade entre este grupo de lésbica varia dos 19 anos aos 30 anos de idade, só 3 terminaram o ensino médio e encontram-se a residir nos bairros periféricos da cidade de Maputo

No grupo de *gays* que entrevistados 8 são efeminados e encontram-se a estudar nas diversas universidades do País. Estes caracterizam-se por não ter tantas dificuldades financeiras. Pois, 7

(sete) deles têm como pais indivíduos com uma condição económica estável e os restantes 3 (três) encontram-se a trabalhar e com uma renda mensal boa - oito (8) vezes superior ao salário mínimo (3.010 MTN). A idade deste grupo de *gays* varia dos 18 aos 30 anos e, tal como as lésbicas, encontram-se a residir nos bairros periféricos da Cidade de Maputo.

A observação directa é sem dúvida a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social pois investiga os fenómenos nos seus contextos de ocorrência “natural” e vai mais além, ao permitir um acesso experimental a um mundo de significados visto de dentro. Esta técnica permitiu tirar notas e gravar as situações através do telefone celular e do computador. Os encontros com o grupo foram registados em três lugares diferentes: no início na LAMBDA onde pude conversar com o grupo com que trabalhei locais onde almoçavam, festas caseiras nas seguintes discotecas Rua D’arte e no Cool Bar. A primeira localiza-se na avenida 25 de Setembro e a segunda na Avenida Cardeal Dom Alexandre.

Como forma de ter informações acerca da escolha de parceiros e a convivência conjugal, para além das entrevistas semiestruturadas com o grupo alvo houve participações em alguns de convívios que a LAMBDA e outros integrantes do grupo têm organizado. Participações houve ainda em algumas reuniões de debate que a LAMBDA organiza sobre temas pré seleccionados, para um debate mensal com enfoque a temas que versam sobre a homossexualidade.

Foram também usadas as técnicas de observação directa, conversas informais e formais, as entrevistas semiestruturadas, as descrições e também as gravações de certas conversas através do telefone celular e do computador.

4 SOCIABILIDADE, PAPEL SEXUAL E A CONCEPÇÃO DO SEXO.

4.1 ETNOGRAFIA

O estudo é elaborado através de um grupo de dezasseis membros em que os mesmos estão divididos em dez (10) lésbicas e seis (6) gays. As suas idades variam, entre as lésbicas, dos 19 anos aos 30 anos e entre os gays dos 22 anos aos 29 anos. Grande parte dos integrantes deste grupo reside nos bairros periféricos das cidades de Maputo e Matola com os pais, tios ou mesmos sozinhos. Os que encontram-se a residir com os pais, uma parte deles, os pais ainda não sabem da sua orientação sexual mas desconfiam, e os outros os pais sabem. Alguns homossexuais que estejam a viver sozinhos ora é porque atingiram uma certa idade que acham-se responsáveis pelos seus actos, segundo a constituição são os 18 anos, e que estão bem financeiramente, para pagar renda, alimentação e outras coisas que necessitem e outros porque depois de os pais descobrirem a orientação sexual mandaram-lhes embora de casa (PASSAMANI, 2008).

Segundo Nascimento e Fernandez (2010), a grande parte dos integrantes do grupo a sua zona de sociabilidade é o centro da cidade pois é tido como refúgio em que poucos interessam-se da vida dos outros, (como ilustra o mapa:1) e os seus locais de trabalho dividem-se através do aspecto do género que cada um apresenta, sendo mais notáveis os gays efeminados (Wirth 2010), tal como ilustram as descrições e

(...) Tenho 19 anos e vivo com os meus pais e meus irmãos e uma cunhada (...) minha irmã e minha cunhada sabem da minha preferência por mulheres. Quando vem a minha parceira, a minha irmã e cunhada dizem que chegou a cunhada (...) “ Stela 20 anos”

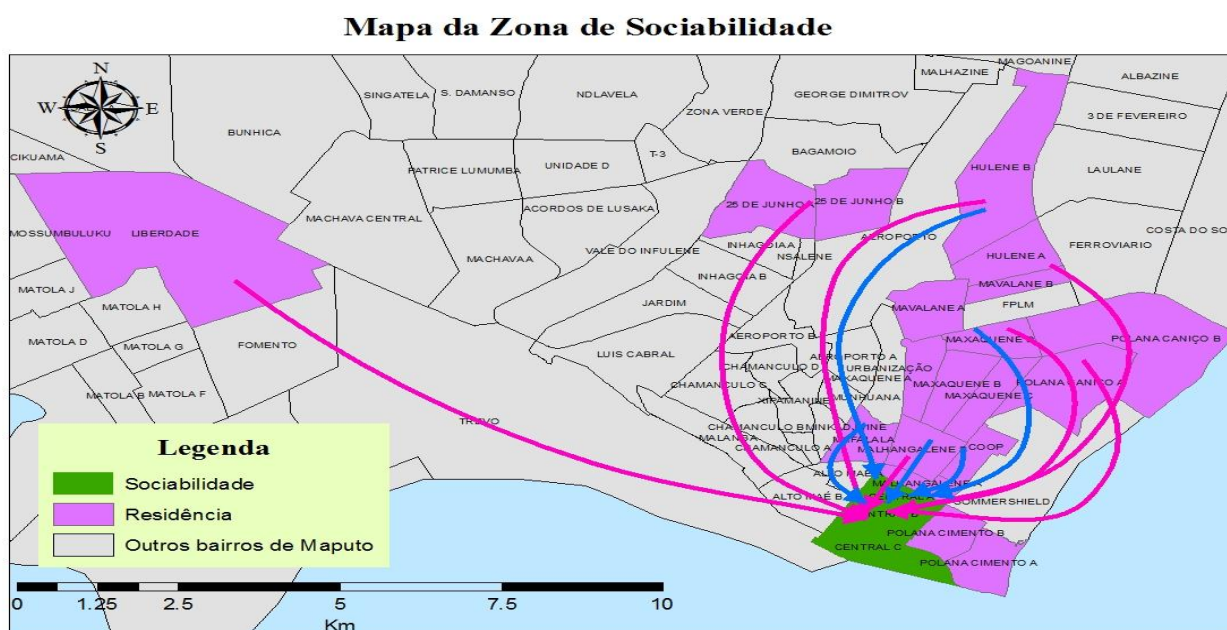
(...) Vivo com os meus pais, e a minha mãe desconfia da minha orientação sexual por causa dos aspectos masculinos de certas amigas que vem a minha casa (...) um dia ela viu um programa na televisão e disse que estavam lá as minhas amigas e que as tantas sou como elas (...) fiquei assustada mas acho que ela já sabe (...) só esta a espera de um dia eu dizer (...) “ Sónia 19 anos”

(...) Vivo na Malhangalene e gosto de sair mas antes devo saber para onde pois há zonas ou bares que nos ridicularizam e chegam até a bater-nos (...) dentro da cidade é melhor pois isso pouco acontece (...) no máximo só olham e fofocam (...) é bom estar num sítio onde sentimo-nos a vontade “Jorge 29 anos”

(...) Dou-me bem com as pessoas que estão na mesma situação que eu ou que já sabem quem eu sou (...) pois essas me entendem e sabem o que sou (...) conheci muitas delas quando frequentei a LAMBDA e depois fomos nos apresentando em diversos sítios (...), “Sérgio 26 anos”

Mapa 1: Mapa da zona de sociabilidade.

No mapa, o bairro pintado de cor verde é a zona de sociabilidade dos integrantes do grupo de estudo em causa e no mesmo mapa os bairros pintados a cor-de-rosa são as zonas de residência dos integrantes do meu grupo de estudo. As setas azuis são do grupo de gays em que algumas vezes temos dois integrantes do grupo a residir no mesmo bairro (tabela 2) e as setas cor-de-rosa identificam as lésbicas, a partir da sua zona de residência até a zona de sociabilidade, neste grupo também encontramos algumas a residirem no mesmo bairro (tabela 1).



Neste grupo de homossexuais a socialização em espaços secundários, como escola, trabalho ou a convivência com amigos acontece com pessoas homossexuais ou pessoas que não possuem qualquer preconceito em relação a homossexualidade. Tal facto permite que não tenham necessidade de esconder a sua orientação sexual e que também possam apresentar o parceiro sem nenhum problema. Os seus locais de trabalho são muito influenciados pelo género da pessoa. As lésbicas do género masculino jogam futebol e algumas vezes trabalham por conta própria e as lésbicas do género feminino não têm problemas de emprego mas os gays com género feminino os locais de trabalho são os salões, na associação LAMBDA, lojas de roupa (locais maioritariamente frequentado por mulheres) e também por conta própria, é importante salientar também que algumas lésbicas e alguns gays estão a estudar ou deixaram a escola devido a vários factores como preconceito e discriminação (PASSAMANI, 2008), estigma, a descoberta dos pais e mais, tal como os entrevistados salientam:

(...) Na minha escola não sabiam que eu era lésbicas, mas precisava saber quem é minha amiga de verdade ou não (...) um dia chamei todas que conversavam comigo e lhes disse o que realmente sou (...) algumas saíram dali e nunca mais falaram comigo mas as que ficaram é porque sabem um pouco do assunto e são amigas mesmos (...) “Stela 20 anos”

(...) Normalmente as pessoas com as quais converso e convivo são da comunidade mesmo (...) as outras fingem ser teu amigo e nas costas chamam-te nomes “Fusca”, “Panuleiro”, “bicha”, e tantos outros nomes pejorativos (...) os amigos da comunidade bastam (...) “Jorge 29 anos”

(...) Vivo na Malhangalene e trabalho na lambda (...) dificilmente as pessoas contratam gays efeminados para as suas instituições (...) as pessoas tem vergonha de nos (...) e muitos tem medo de se assumir por essas e outras coisas (...) “Arlindo 27 anos”

As tabelas abaixo são um mapeamento em termos de nome, idade, bairro de residência, ocupação e as zonas de socialização secundária do grupo em causa. Este mapeamento apoiará ou clarificará as questões expostas acima em termos de composição do grupo e a sua deslocação dos bairros de residência para as zonas de socialização secundária pois para este grupo essa zona é mais tolerante quando se trata da homossexualidade em relação aos seus bairros de residência, por isso preferem que os seus encontros e conversas sejam no centro da cidade (bairro central).

Tabela 1: A Representação em termos de nome, idade, bairro de residência, ocupação e zona de sociabilidade do grupo de lésbicas do estudo em causa.

Numeração	Pseudónimo	Idade	Bairro de residência	Ocupação	Zona de sociabilidade
1	Rita	22	Liberdade	Desempregada	Bairro Central
2	Marta	23	Hulene	Estudante pré-universitária	Bairro Central
3	Stela	20	Choupal	Estudante pré-universitária	Bairro Central
4	Carla	27	Maxaquene D	Trabalhadora na Associação	Bairro Central
5	Gina	30	Malhangalene	Trabalhadora do sector privado	Bairro Central
6	Maria	25	Mavalane	Trabalhadora do sector privado	Matola 700
7	Ana	26	Magoanine	Trabalhadora do sector	Bairro Central

				privado	
8	Rameca	18	Maxaquene	Trabalhadora do sector privado	Bairro Central
9	Techa	19	Polana Caniço A	Estudante pré-universitária	Bairro Central
10	Mariana	20	Hulene	Estudante pré-universitária	Bairro Central

Tabela 2: A Representação em termos de nome, idade, bairro de residência, ocupação e zona de sociabilidade do grupo de gays do estudo em causa.

Numeração	Pseudónimo	Idade	Bairro de residência	Ocupação	Zona de sociabilidade
1	Júlio	22	Coop	Estudante universitário /trabalhador	B. Central
2	Jorge	29	Malhangalene	Trabalhador numa associação	B. Central
3	Carlos	26	Hulene	Trabalhador no Salão de beleza	B. Central
4	Arlindo	27	Maxaquene	Trabalhador na loja de roupas unissexo	B. Central
5	Sérgio	26	Malhangalene	Trabalhador sector privado	B. Central
6	Francisco	23	Mafalala	Proprietário de Salão de beleza/Conta própria	B. Central

4.2 O PAPEL SEXUAL EM DIFERENTES RELACIONAMENTOS

Esta secção abordará sobre o papel assumidos pelos homossexuais na constituição de um relacionamento, pois a postura seguida pelos homossexuais num determinado relacionamento pode ser diferente em outro (s) relacionamento (s). Será também demonstrador o entendimento deste grupo relativamente ao sexo, ou seja, a sexualidade nos relacionamentos homossexuais.

A presença da “heteronormatividade” na vida dos homossexuais contribui para o envolvimento sexual “tardio” pois sem saber se é de facto o que pretendem, eles vão adiando e achando que talvez seja maluquice da cabeça deles.

A postura levada em conta pelos homossexuais no momento da constituição da relação pode vir a ser diferente em outra relação, se em um determinado relacionamento o papel de um dos integrantes foi o de activo em outro relacionamento, dependendo da negociação com o seu parceiro, o mesmo pode vir a desempenhar o papel de passivo. Estas mudanças de papéis são verificadas na maior parte quando é uma relação constituída por dois *gays* efeminados o que Fry & MacRae 1986, chamam de verdadeiro relacionamento homossexual, como as entrevistas documentam,

(...) O acto sexual entre nós os homossexuais é negociável porque busco alguns valores no parceiro, se estou numa relação e o parceiro cria uma expectativa em mim para eu ser activo na relação e desempenhar o papel de macho, é o que devo fazer, mas se em um outro relacionamento o parceiro pode buscar uma outra expectativa em mim para eu ser passivo e assim torno-me submisso e desempenho esse papel (...) “Jorge 29 anos”

(...) Já tive varias relações e desempenhei vários papéis nessas relações (...) já fui activo ou “penetrei” e também passivo “penetrado” mas nunca na mesma relação (...) se tivesse feito isso na mesma relação seria versátil mas isso não sou porque em nenhum momento desempenhei os dois papéis na mesma relação (...) “Carlos 26 anos”

(...) As pessoas, principalmente as do meu meio e que entendem disso, é que costumam a chamar as outras de versátil, mas isso acontece quando num mesmo relacionamento a pessoa “dá” e “leva” (...) já tive diferentes relações e em cada uma delas desempenhei papéis diferentes, devido a especificidade de cada uma delas (...) “Arlindo 27 anos”

A expressão da sexualidade entre os homossexuais é presente como em qualquer grupo, e olhar para este facto ajuda a perceber a questão da vivência da relação e a importância que este dado tem num determinado relacionamento. Tanto nas *lésbicas* como nos *gays*, o sexo é bastante presente e até podemos ir mais longe afirmando que as relações sexuais são muito evidenciadas por este grupo para a manutenção, união, manter acesa a chama do amor no relacionamento, como as entrevistas documentam:

(...) Estou quase sempre com a minha parceira, vemo-nos praticamente todos os dias (...) já passa muito tempo em que estou com ela, vem quase sempre a minha casa e 80% das vezes em que nos vemos mantemos relações sexuais (...) tem sido muito bom e espero que continue assim “Carla 27 anos”

(...) As nossas relações sexuais não só caracterizam-se pela penetração, fazemos várias coisas que possam satisfazer o parceiro (...) onde encontro o meu parceiro e dá para mantermos relações sexuais a gente não hesita mas obedecendo as “regras” claro (...) quanto mais relações sexuais a gente mantém, mais unidos ficamos, percebo a importância disso na nossa relação (...) quando discutimos e caímos na cama, isso ajuda-nos a revitalizar a nossa relação “Sérgio 26 anos”

(...) Amo muito a minha parceira e mantemos relações sexuais sempre que podemos, com o sexo ficamos mais unidas, discutimos pouco e também há pouca desconfiança entre nos (...) quando

mantemos relações sexuais com algum receio, o outro pode desconfiar e pensar que há traição nesse relacionamento (...) “ Rita 22 anos”

Para este grupo as relações sexuais são muito importantes no relacionamento e consideradas “sagradas”, pois as mesmas só podem ser tidas com o seu parceiro, mesmo que se relacionem com uma outra pessoa ao mesmo tempo, existem aspectos que só são exclusivos ao seu namorado/a, tais como as entrevistas documentam

(...) Sexo para mim e quando eu e a minha namorada fazemos com que os nossos sexos se toquem, a chamada “tesourinha” (...) ai eu atinjo o orgasmo (...) é exclusivo a ela, devido a toda intimidade e também a higiene que isso requer (...) “ Rita 22 anos”

(...) É difícil fazer sexo na rua para mim, devido as particularidades que isso requer (...) sexo significa minha dama me “chupar” muito bem a vagina (...) isso não acontece na rua e reservo-me muito a esse respeito (...) “Marta 23 anos”

Os homossexuais adoptam papéis diferentes em cada relação amorosa que se envolvem, pois em cada uma delas há uma expectativa em relação ao relacionamento como também devido a experiência anterior no seu relacionamento. É pertinente salientar também a presença da sexualidade neste grupo, pois verificou-se que 80% das vezes que os mesmos se encontram mantém relações sexuais, tanto as lésbicas como os gays, contrariando o estudo feito no Brasil⁶ (zona), que salienta entre as mulheres a sexualidade não encontra o mesmo espaço entre as lésbicas se comparado com os gays e que as mulheres têm tendências a

4.3 A CONCEPÇÃO DO SEXO

Nesta secção será demonstrada a questão da passagem a coabitação entre os casais, pois tendo esta evoluído para uma relação séria (que chamo de conjugalidade), registou-se mudanças.

⁶ Estudo feito no Brasil, no Departamento de Psicologia da PUC/RIO

Também será demonstrado que este processo de mudanças numa relação sexual afectivo na vertente sexual, a forma como a sexualidade é encarada pelos integrantes do relacionamento e por fim a questão da partilha de vários aspectos, como económicos e sociais especificamente, a nível domiciliar entre os mesmos. Estes aspectos nos auxiliaram a demonstrar os processos de mudança num relacionamento, pois segundo os entrevistados, as relações começam de uma forma e sem predisposição em singrar num relacionamento sério mas que ao longo do tempo e as atitudes do parceiro vão ditando para que isso possa acontecer ou que não aconteça.

Tendo a relação evoluído para uma relação séria em que o sentimento entre estes é o mais importante, não o único, e dependendo da idade e da disponibilidade do “casal” há uma passagem à coabitação depois de algum tempo, em média um ano e meio e que no relacionamento haja confiança e sentimento, colocados como importantes. Para que possam viver juntos depende de vários factores – se um dos parceiros possui casa própria ou se os dois decidem arrendar por exemplo.

(...) Quando ele apresentou-me a família e aos amigos, ficou simples de frequentar a casa dele pois as pessoas já podiam encontrar-me lá e não questionar muito (...) Ele vivia sozinho e depois de algum tempo deu-me as chaves da casa dele e ia sempre que pudesse (...) quer que vá viver com ele mas acho que ainda é cedo, porque tenho que abrir o jogo com a minha família porque vão querer saber para onde vou viver e vão querer me visitar (...)
“Sérgio 26 anos”

(...) Amei muito a minha parceira, foi o meu primeiro relacionamento sério, igual aquele acho que não terei (...) Ela é muito experiente e sabia muito acerca desse assunto. Conhecia sítios muito bons e que sempre íamos lá (...) eu estava nos planos dela e sonhávamos em construir para viver juntos (...) em casa dela me conheciam e até tratavam-me de cunhada. Passei vários dias em casa dela (...) ela nunca teve problemas em me apresentar

a pessoas como sua namorada, foi muito bom mas eis (...) depois separamo-nos e sinto que ainda amo ela “Marta 23 anos”

Quando o relacionamento se torna sério ou com o aumento da intimidade entre os parceiros várias barreiras são quebradas. No início da relação há questões reservadas a um estágio da relação pois com o tempo e o convívio entre os parceiros várias coisas são debatidas e chega-se a ter um certo tipo de confiança. Na vertente sexual, questões como o uso de preservativo e a penetração anal são tidos como “sagrados”, valendo também para as lésbicas em que o contacto entre os dois sexos dos parceiros acontece com uma certa confiança, e que os mesmos são reservados para um determinado momento como também é exclusivo ao namorado, se por acaso houver uma traição não deve haver penetração e deve se usar o preservativo. Não que isso seja debatido mas os parceiros têm noção e que há várias outras formas de práticas sexuais sem que haja penetração e talvez que necessitem de uso do preservativo, tal como os entrevistados salientam:

(...) Há certas formas de fazer sexo com a minha parceira que eu não aceitava pois tinha medo, como também há algumas partes do corpo que ela não me deixava pegar mas com certas conversas e desenvolvimento da relação, tornando-se seria, ultrapassamos essas barreiras. Antes sempre que fizéssemos sexo eu tinha que usar o “fingercondom” e algumas vezes “dental dam”⁷ Para “minete” (...) hoje em dia a gente já não usa nenhum método de prevenção e a gente faz de tudo pois há uma confiança entre nos (...) “Carla 27 anos”

(...) Lembro-me uma vez que viajei com um “amigo” para Cape Town (África do Sul), foi muito bom, fazíamos de tudo mas não permite com que ele penetrasse, existem várias formas de fazer sexo e que podes satisfazer a pessoa que está contigo sem que haja penetração para a tal (...) não aceito que haja penetração sem que

⁷ Dental dam são pequenos pedaços de latex ou matérias plásticos que são usados para o sexo de vagina oral ou anal-oral (Matebeni 2009).

tenha confiança na pessoa que está comigo mesmo que diga que usará preservativo (...) ficamos lá 5 dias, foi muito bom (...) “Júlio 22 anos”

No que concerne ao domicílio, no caso em que estejam a viver juntos ou quando um deles vai passar uma temporada em casa do seu parceiro, as questões domiciliárias, em alguns casos trazem alguns problemas devido à questão de género de cada membro mas em outros casos os mesmos já foram ultrapassados e se tem a consciência de que não são a medida para o relacionamento.

A questão de género, em casos em que trás problemas, é na tentativa de transposição das normas heterossexuais e o facto de olhar para o parceiro com género feminino e dizer que deve fazer todos os aspectos considerados pela sociedade de carácter feminino, e o género masculino como aquele que só faz as coisas concebidas para o género masculino mesmo, isso a nível económico, social e sexual. Mas em alguns casos verifica-se que o género não pode ser a medida da relação e que há uma ajuda, tal como documentam os entrevistados:

(...) O tratamento é quase por igual mas não 100%, pois o facto de ela ser mais feminina que eu ela adopta certos comportamentos das meninas heterossexuais e tenta fazer tudo que uma mulher heterossexual faz e acha que eu devo fazer o papel do homem (...) um exemplo claro é o facto de eu ter que deixar dinheiro em casa, ela ter que preparar o jantar (...) a questão dos ciúmes e também a forma de vestir (...) “Carla 27anos”

(...) O sexo não dita a forma de tratamento e fomos criados em um ambiente heterossexual (...) é normal que isso tenha uma influência na nossa relação. Há coisas que só eu faço na nossa relação (...) não aceito que ele mexa o meu celular, sairmos e ele pagar a conta, não me sinto bem nessa situação (...) “Carlos 26 anos”

(...) Discuto muito com o meu parceiro pois o facto de eu possuir um género feminino ele acha que devo fazer todos os trabalhos que uma mulher faz, tenho que cozinhar para ele, lavar roupa e muito mais (...) trata-me como se eu fosse mulher mas é a tendência da sociedade, até penso em fazer um filho só para lhes provar que posso (...) “Sérgio 26 anos”

Quando o relacionamento fica sério há uma abertura e quebra de certas barreiras que de uma certa forma são consideradas para relacionamentos ocasionais ou mesmo para o início de uma relação. Questões como a penetração, fricção⁸, “tesourinha⁹” e o sexo oral¹⁰, a vertente sexual, servir como o suporte na base financeira e também o tratamento em consideração através do género são tidas como importantes num certo nível da relação.

O parceiro que nessa relação esteja a desempenhar o papel do homem tem como dever arcar com as questões do género masculino e o outro que esteja a desempenhar papel do género feminino tem também esse dever de adoptar essa postura. A mudança na relação é evidente pois se algumas coisas em termos sexuais, domiciliaries e noutras esferas da vida esses não faziam, quando passam a dividir o mesmo espaço já se faz muita coisa, como as entrevistas confirmam.

⁸ Coito Interanal é um acto de friccionar o pênis entre as nádegas do seu parceiro.

⁹ É um coito em que o sexo dos parceiros juntam-se até atingirem o orgasmo.

¹⁰ Sexo oral é uma actividade sexual envolvendo contacto entre a boca e os órgãos genitais do parceiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha como objectivo saber como é determinada a escolha de um parceiro sexual afectivo e a vivência da conjugalidade entre um grupo de homossexuais na Cidade de Maputo. Para tal precisou-se entender o primeiro envolvimento sexual afectivo deste grupo, onde se constatou que houve um envolvimento com uma pessoa do sexo oposto (homem/mulher), isso devido a predominância dos heterossexuais nos bairros onde cresceram e também a influência dos seus amigos mas que depois, uma certa idade houve a consciência da sua sexualidade.

A atracção por pessoas do mesmo sexo e o vivenciar deste estilo de vida que aconteceu através de redes de sociabilidade e a “perca” do medo das pessoas saberem que o seu envolvimento sexual afectivo é com pessoas do mesmo sexo (homem/homem e mulher/mulher). Estas redes de sociabilidade de uma certa forma auxiliaram ou encorajaram para o vivenciar deste estilo de vida, pois através dessas redes de constataram que não são poucos que adoptaram este estilo de vida e que podem falar com pessoas que entendem do assunto sem nenhum medo.

Para que possa fluir uma relação entre duas pessoas homossexuais a confiança transmitida no primeiro contacto é muito importante, tanto como a fidelidade, companheirismo, respeito, capacidade erótica e mais. A questão do género também é valorizada para a escolha de parceiro, com o intuito de saber qual será a postura sexual levada a cabo por eles, se na relação anterior era activo ou passivo, posto isto haverá uma negociação entre eles e assim determinam-se os papéis que os mesmos irão desempenhar nesta relação. Assim, em cada relação sexual afectiva um homossexual pode desempenhar papéis diferentes, é diferente de um versátil, diferente do estudo feito no Brasil por Fray & MacRae (1983), que não observa nenhuma negociação entre os parceiros e se um deles possui género masculino o papel que o mesmo desempenhara na relação será o de *macho* e se o outro que possui um género feminino desempenhará actividades que supostamente a sociedade estabeleceu para as pessoas do género feminino.

A sexualidade está presente neste grupo pois a mesma é descrita como alta. Das vezes em que os mesmos se encontram 80% das vezes mantêm relações sexuais, tanto as lésbicas como também os gays, sendo diferente do estudo feito no Rio de Janeiro, Brasil, em que se salienta que as

relações sexuais não possuem importância e que não há valorização da dimensão erótica dos pares.

No entanto, a vivência da conjugalidade é uma questão de sentimento os seus integrantes pois viu-se que a divisão do mesmo espaço não é regra geral desde o momento que a cumplicidade esteja em alta, que um dê satisfações e também que decidam tudo juntos, mas também a divisão do espaço temporariamente, as conversações, a divisão na questão económica.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Sônia, (2007), *Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os Fundamentos dos Conceitos*, Londrina.

ALVES Z. Gregório, (2001), *Inquisição e Homossexualidade na Colônia*, Rio de Janeiro, pp. 1-12.

ANDRADE DO BOMFIM, Silvano, (2011), *Homossexualidade, Direito e Religião: Da Pena de Morte à União Estável. A Criminalização da Homofobia e Seus Reflexos na Liberdade Religiosa*, Brasília, pp. 71-103.

Brás, E., Capurchande, R & Muianga, B. (2013), *Atitudes perante a homossexualidade; as Cidades de Maputo e Beira e Nampula*, Maputo.

FERES-CARNEIRO, T. (s/d), *Escolha Amorosa e Relação Conjugal na Homossexualidade e na Heterossexualidade: Um Estudo sobre Namoro, Casamento, Separação e Recasamento*. Rio de Janeiro.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha, (1997), *A Escolha Amorosa e Interação Conjugal na Heterossexualidade e na Homossexualidade*, São Paulo.

FRY, P. & MACRAE, E. (1983). *O que é a Homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense.

HEILBORN, M. Luiza, (2006). *Entre as Tramas da Sexualidade Brasileira*. Florianópolis, 14 (1).

HEILBORN, Maria Luiza (2004). *Dois é par: Género e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Editora Gramond.

MINAYO, Maria Cecília de S. & SANSSES, Odécio, (1993), *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Rio de Janeiro, CAD. Saúde Publ.

OLIVEIRA, A. G, et all, (2001), *O Cotidiano Homossexual: Uma Etnografia Urbana*, Amazonas.

OTTA, E., QUEIROZ, R. S, & et all (1998), *Escolha de Parceiros Heterossexuais: Um Estudo de Proclamas de Casamento*. Curitiba.

PARISOTTO, L., Guaragna, K., B., Strassburger, et all (2003), “Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: Integração dos Paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionistas.

PASSAMANI, R., (2008), *O Arco-íris (des) coberta: homossexualidade masculina, movimentos sociais e identidades regionais, os casos de Porto Alegre e Buenos Aires, Brasil.*

PEIRANO, Mariza (1995), *A Favor da Etnografia, Rio de Janeiro, Relume-Dumara. Pp. 31-58*

ROCHA, Ana Luiza de Carvalho & ECKERT, Cornélia, (2008), *Etnografia: Saberes e Praticas*, Porto Alegre: Editora da Universidade.

Rodrigues, D. Lopez, D & Manuel de Oliveira, (2011), *O modelo de investimento de Rusbult em relacionamentos amoroso hétero e homossexuais*, Portugal, vol:2, pp. 1-11.

SILVA, Benedito, (1986) “Dicionário de Ciências Sociais”, Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas.

SOARES, M. & BRUNS, M. A, (2010). *Vivências Afectivos Sexuais de Parceiros Transexuais*, São Paulo.

VANCE, C. S. (1995), *Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico.*

WEEKS, Jeffrey, (1999). *O Corpo e a Sexualidade.* In LOURO, G. Lopes (org.). *O corpo Educado.* Belo Horizonte. Autêntica.